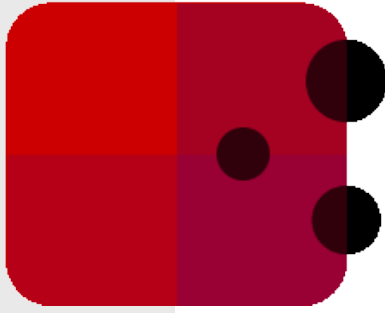


rebecca



Latinidades comparativas

Mariana Baltar¹

Resenha

AMÂNCIO, Tunico e TEDESCO, Marina Cavalcanti (Org.).
Brasil-México: aproximações cinematográficas. Niterói:
EdUFF, 2011.

1. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e professora adjunta da Universidade Federal Fluminense. E-mail: marianabaltar@gmail.com

Nas últimas décadas tem crescido a importância de estudos comparativos, uma tradição de reflexão e análises que acabam por contruir, com base na comparação, o próprio objeto. Se de um lado os estudos comparativos conseguem traçar pontes, de outro, eles, para além das aproximações, constroem as identidades. Em relação ao livro organizado por Tunico Amâncio e Marina Cavalcanti Tedesco – e, a bem da verdade, na própria trajetória do grupo de pesquisas ao qual esse livro se filia – os estudos comparativos constroem o próprio conceito de cinema latino.

Em alguma medida, os gestos comparativos das análises reinventam a própria noção de América Latina. São miradas que se alternam entre a tradição e a produção atual, passando por considerações sobre a permanência dos gêneros narrativos nas duas cinematografias, por análises de casos específicos, por dimensões e métodos variados da própria abordagem do cinema (de análises do tipo plano a plano até reflexões culturalistas de estudos de recepção).

Brasil-México: aproximações cinematográficas é composto por 11 artigos de pesquisadores brasileiros e mexicanos. E, mais que panoramas gerais, cada artigo parte de uma abordagem e caso específico, fazendo com que o livro como um todo funcione como o panorama múltiplo das aproximações de ordem histórica, política, estética e cultural entre Brasil e México.

O livro é fruto de outras aproximações, de cada um dos autores reunidos (oito brasileiros e três mexicanos) em trajetórias de encontros de congressos e corredores. Pelo menos quatro deles (Tunico Amâncio, Maurício de Bragança, Hadija Chalupe da Silva, Marina Tedesco) são participantes ativos da Plataforma de Reflexão sobre o Audiovisual Latino-americano (Prala),



que há um ano passou a congregiar na Universidade Federal Fluminense os pesquisadores relacionados a esse campo.

Uma dificuldade comum em organizar um livro de artigos é fazer com que ele seja, ao mesmo tempo, pleno em suas individualizações e denso como conjunto. Esse livro, em parte, resolve essa encruzilhada, sobretudo nos primeiros quatro artigos – “Santo vs Darth Vader: a construção de um fan cinema latino-americano”, de Pedro Curi; “Fuzuê em Gaza (Poder, corpos e humor)”, de Tunico Amâncio; “*La zona e Tropa de Elite*: os paralelos e diferenças da narrativa de thriller social contemporâneo”, de Hadija Chalupe da Silva; e “Conflitos contemporâneos na tela grande: a representação de guerrilheiros e sem-terra nas cinematografias brasileira e mexicana recentes”, de Marina Tedesco.

Esses artigos partem de objetos e abordagens muito díspares entre si – da cultura *fan* à tradicional pergunta pela representação de grupos e identidades nos filmes, passando pelo enfoque intertextual como centro da problematização – e, no entanto, em conjunto, conseguem dar conta das várias esferas de aproximações entre os dois países, do ponto de vista histórico, cultural e estético.

Contudo, isso, de certo modo, não acontece na segunda parte do livro, a despeito da excelência dos artigos de María Celina Ibazeta, Estevão Garcia, José Carlos Monteiro, Lauro Zavala, Álvaro A. Fernández Reyes, Maurício de Bragança e Claudia Arroyo Quiroz. Todos concentram-se na cinematografia mexicana, seja enfocando gêneros específicos e suas problemáticas (como é o caso de “Metáforas à mesa: Bustillo Oro, Buñuel, Ripstein e o melodrama familiar mexicano”), seja traçando uma análise de um caso em particular para pensar o gênero ou a autoria (como os artigos “El trabajo infantil documentado: algunas consideraciones sobre *Los Herederos* de Eugenio Polgovsky” e “*Cronos*. El origen del alquimista”, respectivamente), ou (re)pensando os pontos de vista históricos (como “Pirâmides de imagens: a invenção da edad de oro na historiografia do cinema mexicano” e “O México de Alejandro Jodorowsky em



La Montaña Sagrada”). Por outro lado, mesmo abandonando o recorte explícito da aproximação entre Brasil e México, essa segunda parte do livro tem o grande mérito de traçar, com os artigos, um panorama histórico e contemporâneo de uma das mais tradicionais cinematografias latinas.

Ainda que se discuta o termo “idade de ouro” (o que é, no fundo, o objetivo do artigo de José Carlos Monteiro) e se questione uma historiografia pautada em marcos do cinema industrial, não se podem negar o valor e o impacto das empreitadas cinematográficas da primeira metade do século XX no México. Entre os anos 1930 e 1940, o cinema foi encarado como um aliado da consolidação de um processo modernizador e de um projeto de construção de identidade que justificou fortes investimentos em produção, em formação, em constituição de um *star system* e em distribuição por toda a América Latina, o que contribuiu, por sua vez, para consolidar uma certa visão de América Latina.

Nesse sentido, parece adequado que o livro foque no México para sustentar sua reflexão do próprio conceito de América Latina vista desde as experiências cinematográficas. O enfoque no caso mexicano, contudo, não abandona o desejo comparativo que atravessa o livro como um todo, pois as reflexões nos levam, nós leitores, a estabelecer correlações e conexões com nossas próprias empreitadas cinematográficas.

“*Los autores que participaron en la elaboración del libro desconfían de las grandes síntesis, de las visiones de ‘la totalidad’, concordando con la suspicacia generalizada en nuestros tiempos hacia las grandes narrativas*”, escreve com razão a pesquisadora Aleksandra Jablonska em seu prefácio ao livro.

E, talvez, seja nessa desconfiança dos grandes panoramas totalizantes que resida o grande interesse de *Brasil-México: aproximações cinematográficas*. Pois, novamente citando Jablonska, “*en lugar de artículos que pretendan mostrarnos amplios panoramas, nos encontramos más bien con la búsqueda de algunos*



síntomas, de señales que podrían mostrar algunas tendencias en las cinematografías brasileña y mexicana”.

É notável o esforço agregador presente na estrutura do livro. Agregar variadas tradições teóricas dos estudos de cinema, agregar pesquisadores de diversas nacionalidades e de formações distintas. Um esforço que se expressa na escolha pela não tradução dos artigos, nem do espanhol para o português, nem do português para o espanhol. Quase como se o livro praticasse em sua edição o espírito de suas aproximações, como se afirmasse: circulamos como somos, nas nossas diferentes línguas e perspectivas, traçando, na própria circulação, a aproximação. Ou seja, inventando uma *comunidade imaginada* a partir (e talvez por causa) da empreitada comparativa.